

PROJETO DE EXTENSÃO ADOLESCER: REFLETINDO SOBRE O PRECONCEITO E SUA INFLUÊNCIA NA IDENTIDADE JOVEM

Renato Amorim da Silva (1); Maria Eduarda Alves de Carvalho (1); Karlene Felix dos Santos (2);
Rosana Christine Cavalcanti Ximenes (3)

(1) *Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV)*. E-mail:
renatoamorim2009@gmail.com

(1) *Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV)*. E-mail:
carvalhomeac100@gmail.com

(2) *Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV)*. E-mail:
karlenefelix@hotmail.com

(3) *Universidade Federal de Pernambuco – Centro Acadêmico de Vitória (UFPE-CAV)*. E-mail:
rosanaximenes1@gmail.com

INTRODUÇÃO

Estereótipos normalmente são a causa e consequência do preconceito e ambos acabam gerando a discriminação, podendo causar repulsa ou até hostilidade sobre determinada pessoa ou grupo de indivíduos (CROCHIK, 1996). Dessa forma, o preconceito pode ser entendido como um conceito formado antecipadamente, sem fundamentos e que envolve uma grande diversidade de fatores. Potenza (2011) trouxe a reflexão do preconceito como uma ação aversiva a uma pessoa pertencente a determinado grupo, simplesmente pelo fato dela pertencer a este grupo e presumir qualidades que são atribuídas por ele. E Aronson (1999) definiu como sendo uma atitude agressiva e prejudicial para determinado grupo de indivíduos, que se baseia em generalizações deformadas e inacabadas. Normalmente essas generalizações podem ser definidas por estereótipos ou “rótulos”, que são características, geralmente negativas, atribuídas a qualquer pessoa que é julgada antecipadamente. Estes aspectos são percebidos desde a infância e se expressam de forma mais enfática na adolescência, podendo contribuir de forma negativa em sua formação de conceitos, o que resulta em prejuízo em diversas áreas de sua vida.

Vários fatores podem influenciar o preconceito no jovem. Dentre tantos, destacam-se as amizades e a sua relação com a tendência grupal, característica da adolescência. Neste caso, é possível se observar situações onde normalmente devem ser seguidas as regras de um grupo, se desejam fazer parte dele. Outro fator seria a família, que é um dos grandes pilares da educação fraternal. Comumente pais preconceituosos tendem a criar os filhos com os mesmos conceitos e fazer com que reproduzam seus comportamentos (MYERS, 2000). Além desses fatores, a mídia

também apresenta um alto potencial comunicativo e disseminador de ideias preconceituosas para o jovem.

O preconceito pode se apresentar de diversas formas, seja pela raça, cor, religião, orientação sexual, entre outros. E é comum que isso resulte em atitudes hostis, podendo até levar à violência, fato que pode ser frequentemente observado em vários ambientes presentes na vida do adolescente. Em especial, na escola, muitos jovens são alvo de preconceito. Ser vítima de preconceito no âmbito escolar pode acarretar em problemas de uma identidade pessoal. Nesse sentido, Salles e Silva (2008) destacaram a imposição dos estereótipos como divisores entre a adolescência e o mundo adulto, onde indivíduos reduzidos a esses pressupostos acabam por criar conflitos entre os dois meios. Sendo a escola um ambiente de pluralidades, diferenças e respeito devem andar juntos para criação de novas apreensões de um mundo já conhecido (AQUINO, 1998).

Embora seja comum observar casos de preconceito na escola, pequenas atitudes como conversas, debates e discussões a respeito do tema podem ajudar aqueles que já passaram por isso em algum momento de suas vidas. A escola é um ambiente educacional e, portanto, deve visar a boa construção da identidade do adolescente. Sendo assim, se torna perceptível a importância de estudos sobre preconceitos para avaliar o suposto caminho das identidades construídas nos jovens, principalmente no âmbito estudantil. Neste sentido, entra a extensão universitária, com o intuito de promover uma maior aproximação entre Universidade e Sociedade, proporcionando, assim, uma rica troca de saberes (JEZINE, 2004), seja através do diálogo ou da prática. Logo, neste relato de experiência objetivamos estabelecer reflexões e discussões através de conversas e interações dinâmicas sobre o preconceito, apresentando características, enfatizando seus tipos, causas e consequências em ações do Projeto de extensão Adolescer: aprendendo a ser um adolescente saudável numa abordagem interdisciplinar.

METODOLOGIA

O Projeto de extensão Adolescer é desenvolvido por graduandos dos cursos de graduação em Ciências Biológicas (Licenciatura), Educação Física (Licenciatura e Bacharelado), Saúde Coletiva, Enfermagem e Nutrição do Centro Acadêmico de Vitória - Universidade Federal de Pernambuco (CAV/UFPE). Neste projeto são elaboradas ações mensais em escolas da rede estadual do município de Vitória de Santo Antão – PE, que consistem em atividades práticas, rodas de diálogo, apresentações teatrais, vídeos e entre outros recursos, abordando diferentes temáticas que tenham relação com a saúde do jovem.

Neste relato de experiência, a ação teve por temática o “Preconceito” e foi elaborada pelos discentes de Lic. em Ciências Biológicas e Educação Física, ocorrendo no turno da manhã, com duração de 150 min (três aulas). Os alunos envolvidos na ação foram de duas turmas do Ensino Médio.

Antes de iniciar a ação, os coordenadores do grupo explicaram o objetivo do Projeto Adolescer na escola e, como ele é refletido na comunidade. Após essa apresentação geral, seguiram-se três momentos de reflexão para que os próprios estudantes pudessem perceber o tema proposto antes que o mesmo fosse revelado.

No primeiro momento foi aplicada a dinâmica 1, quando o facilitador pediu para que todos os estudantes ficassem de pé. Algumas características físicas como cor dos olhos, tipo de cabelo, dentre outras, estabelecidas como ideais pelos padrões sociais e mídia, foram citadas e aqueles que não se identificaram foram sentando, até chegar o momento em que todos estavam sentados. Tal proposta visou uma reflexão acerca das diferenças existentes, possibilitando a caracterização individual. Logo após, foi realizada uma discussão, por meio de perguntas investigativas e posteriormente, o grupo concluiu o momento explicando que o corpo ou pessoa perfeita não existe. Nesse momento foi trabalhado o tema de estereótipo e exclusão, ressaltando a frase: “Todos somos diferentes” e as diferenças devem ser respeitadas.

Em seguida, o segundo momento foi iniciado com a dinâmica 2, voltada para algumas atitudes preconceituosas despertadas através dos rótulos. Os facilitadores explicaram ao grupo que seriam coladas etiquetas em suas testas com frases como “sou inferior IGNORE-ME”; “aperte minha mão”; “sou antipático (a) EVITE-ME”; “me faça um elogio”. Porém, eles não saberiam quais frases estavam escritas e nem poderiam dizer ao outro. Eles deveriam agir conforme estava sendo solicitado na etiqueta no momento enquanto estavam circulando pela sala. Ao fim da atividade, com todos sentados, foi perguntado como se sentiram com as reações das pessoas e, após as respostas, eles puderam ver e descobrir o que estava escrito, refletindo se já haviam sofrido aquilo alguma vez, ou se já haviam praticado a ação com alguém.

No terceiro momento, os alunos foram questionados sobre o tema da ação e a partir das reflexões geradas nas dinâmicas anteriores, deduziram qual seria. Foram abordados o conceito, causas e consequências do preconceito. Depois de trabalhados esses aspectos, alguns tipos de preconceitos foram explicados numa roda de diálogo, com o auxílio de cartazes e imagens com os respectivos tipos: Lesbofobia, Homossexualismo, Transfobia, Sexismo, Machismo, Elitismo, Preconceito linguístico, Gordofobia, Racismo e Intolerância religiosa. Com a conversa, aspectos

como: tolerância e respeito foram palavras-chave para soluções propostas pelos alunos e facilitadores.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na dinâmica 1, os alunos que sentaram logo nas primeiras características, foram questionados sobre como se sentiram. Estes declararam que se sentiram excluídos e diminuídos, revelando que o preconceito gera hostilidade e discriminação (CROCHIK, 1996). Em seguida, aos alunos que sentaram por último foi questionado se eram melhores que os demais colegas. A resposta foi que não, que eram apenas diferentes deles, o que permitiu aos integrantes do projeto articular sobre o que seria um corpo perfeito, se existe corpo perfeito e a importância das diferenças e a aceitação do próprio corpo, evitando os padrões impostos pela mídia, enfatizando sempre a necessidade de desconstruir os estereótipos que geram conflitos entre os adolescentes (SALLES e SILVA, 2008).

Na dinâmica 2, os educandos novamente tiveram a oportunidade de refletir sobre ações preconceituosas, quando trataram com indiferença os colegas que estavam rotulados com frases que indicavam um tratamento indiferente. Outros, porém, estavam com frases que indicavam tratamento positivo e gentil. Após a interação, os alunos com os dois tipos de rótulos foram questionados sobre como se sentiram, o que fez com que pudessem refletir sobre as diversas situações do dia a dia em que rotulamos as pessoas apenas por uma característica e a tratamos com indiferença, gerando uma ação preconceituosa (ARONSON, 1999).

A partir das dinâmicas e reflexões feitas até então, os alunos foram questionados se identificaram o tema da ação. Muitos, através das dinâmicas, puderam perceber que a temática se tratava de preconceito. Após a descoberta do tema foi realizada uma explanação do conceito e dos tipos de preconceitos no momento 3. Um ponto levantado pelos alunos foi o Bullying, que muitas vezes pode ocorrer como consequência de um preconceito, gerando agressões físicas ou psicológicas (SMITH, 2002; LOPES NETO, 2005). Isto fez com que os mesmos pudessem refletir que: quando praticadas, as ações preconceituosas podem gerar violência em seus mais variados tipos (verbal, física e outras). Inclusive, o próprio preconceito não deixa de ser um tipo de violência.

Outra pergunta feita foi: “Somos todos iguais?”. A essa pergunta muitos responderam sim, mas houve aqueles que afirmaram que não somos iguais, justificando que somos diferentes em cor, religião, cultura, entre outros aspectos. A partir das colocações dos alunos, os participantes do

projeto puderam esclarecer que somos todos iguais perante a lei, mas que enquanto indivíduos temos inúmeras diferenças nos mais variados aspectos.

Ao final da ação questionamos aos alunos o que poderia ser feito para que o preconceito fosse evitado na sociedade. A principal solução apresentada por ambas as turmas alcançadas pela ação foi a compreensão de que não existem pessoas piores ou melhores, apenas diferentes e são essas diferenças que nos fazem ricos em cultura e que a tolerância a essas diferenças seria um caminho para o combate ao preconceito.

Durante a ação, alguns alunos puderam relatar situações de preconceitos sofridas. Um dos pontos positivos foi o interesse oriundo da primeira turma, a qual teve uma participação e contribuição considerável, o que facilitou no tratamento do conhecimento e desenvolvimento das atividades. Com isso, acreditamos que os educandos desenvolveram uma visão mais crítica, de modo que puderam refletir sobre suas ações e palavras, podendo evitar futuras ações preconceituosas.

CONCLUSÕES

A ação de modo geral foi eficaz e atingiu os objetivos propostos. O tema, apesar de polêmico e delicado, foi tratado durante toda a ação com questionamentos que fizeram os alunos refletirem sobre suas ações como também sobre as palavras e/ou expressões utilizadas muitas vezes sem querer ofender, mas que levam a atitudes preconceituosas. Muitos puderam perceber o tema da ação antes que esse fosse revelado pelos mediadores do projeto, e a explanação do tema pelos mediadores fez com que os alunos pudessem compreender melhor os tipos e formas de preconceito, tendo, assim, a oportunidade de repensar suas práticas, caso estas sejam ou possam vir a ser preconceituosas. Desse modo, podemos concluir que a extensão universitária, nesse sentido, traz reflexões a respeito de temáticas do convívio adolescente, fazendo-os refletir sobre suas ações e ter a oportunidade de melhorá-las ou modificá-las de acordo com princípios de igualdade e respeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, J. G. (1998). Ética na escola: a diferença que faz a diferença. Em J.G. Aquino (coord.). *Diferenças e preconceitos na escola: alternativas teóricas à práticas* (pp 135 – 151). São Paulo: Summus.

- ARONSON, J.; LUSTINA, M. J.; GOOD, C.; KEOUGH, K.; STEELE, C. M.; BROWN, J. (1999). When white men can't do math: Necessary and sufficient factors in stereotype threat. *Journal of experimental social psychology*, 35 (1), 29-46.
- CROCHÍK, J. L. (1996). *Preconceito, indivíduo e sociedade*. Temas em psicologia, 4 (3), 47-70.
- JEZINE, E. (2004). As práticas curriculares e a extensão universitária. In: *Congresso Brasileiro de Extensão Universitária* (Vol. 2, pp. 1-5).
- LOPES NETO, A. A. (2005). Bullying: Comportamento agressivo entre estudantes. *Jornal de Pediatria*, 81 (5), 164-172.
- MYERS, D. G. (2000). *Preconceito: o ódio ao próximo*. Psicologia social, 181-206.
- POTENZA, G. P. V. (2011). Preconceito, moralidade e educação moral para a diversidade. *Revista Brasileira de Educação*, 16 (46).
- SALLES, L. M. F.; SILVA, J. M. A. P. E. (2008). Diferenças, preconceitos e violência no âmbito escolar: algumas reflexões. *Cadernos de Educação*, 1 (30), 149 – 166.
- SMITH, P. K. (2002). Intimidação por colegas e maneiras de evitá-la. In E. Debarbieux; C. Blaya (Eds.), *Violência nas escolas e políticas públicas* (pp. 187-205). Brasília, DF: Unesco.